



WALCYR CARRASCO

A Mãe de Ouro e outros contos
do folclore brasileiro

Leitor fluente — 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



WALCYR CARRASCO

A Mãe de Ouro e outros contos do folclore brasileiro

Leitor fluente — 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos-SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

RESENHA

Em *A Mãe de Ouro e outros contos do folclore brasileiro*, Walcyr Carrasco nos apresenta uma seleção preciosa de contos populares brasileiros, coletados graças ao trabalho de pesquisadores como Sílvio Romero, Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Monteiro Lobato – alguns de origem africana; outros, europeia. *A Mãe de Ouro* narra a história do escravo Pai Antônio, vítima da crueldade de um senhor ganancioso que submetia seus escravos aos maiores suplícios com o desejo de conseguir pepitas de ouro. Recebe auxílio da bela *Mãe de ouro*, que evoca o poder das deusas do panteão africano. *O bicho manjaléu*, por sua vez, é uma narrativa de origem europeia que remonta aos contos de fadas: um jovem descobre que seu pai havia sido obrigado a vender suas

três irmãs mais velhas e decide ir buscá-las. A aventura acaba levando-o a apaixonar-se pela belíssima princesa de Castela. Na pungente narrativa *A mãe d'água*, um homem pobre descobre que quem costumava roubar suas melancias era uma moça de beleza sobre-humana, a qual ele aprisiona e depois pede em casamento. Após tê-la desposado, tudo começou a sair-lhe bem – a terra dava mais frutos, as galinhas botavam mais ovos; não demorou que ficasse rico. Acontece que a moça pertencia às águas e, com o tempo, foi ficando triste, deixando de trocar de roupa, de limpar a casa, de cuidar dos filhos. No fim das contas, o homem acaba quebrando a promessa que fizera à esposa, perdendo-a para sempre. Em *A princesa de bambaluá*, um jovem mostra-se corajoso o suficiente para submeter-se às mais cruéis provas para desencantar uma princesa aprisionada em uma caverna – mas em seguida tem de se haver com as intrigas de uma professora que quer casá-lo com uma de suas filhas. Já em *O saci*, ouvimos a história do último dos sacis que, graças à esperteza de um menino, acaba por trair sua linhagem ao agir uma vez de maneira honesta... O jovem leitor vai se surpreender com a variedade, a diversidade e a riqueza das narrativas contidas nessa antologia.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Lendo esses contos, chama a atenção o quanto é possível, nas narrativas orais tradicionais, muitos elementos de natureza sócio-histórica, que revelam alguns dos dilemas inerentes à sociedade brasileira – a desigualdade social, o papel subserviente da mulher, a escravidão. *A mãe de ouro* e *O saci* colocam questões prementes a respeito do lugar difícil e doloroso ocupado pelo negro tanto de uma perspectiva histórica quanto no imaginário coletivo; em *A mãe d'água* e *O bicho manjaléu*, encontramos personagens femininos que se casam em situações em que há um claro jogo de forças, em que sua opinião importa pouco ou nada. Em *A mãe d'água*, a protagonista perturba todo o universo que a rodeia ao não se adequar aos parâmetros de comportamento de boa mãe, patroa e esposa. Esses contos nos remetem àquilo que é tradicionalmente conhecido

como *jeitinho brasileiro*: as situações complicadas em que os personagens se encontram são muitas vezes resolvidas mais pela astúcia do que pela força; mesmo os personagens femininos parecem saber que sua força está em saber jogar de modo indireto, convencendo o outro, seduzindo-o.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos tradicionais.

Palavras-chave: tradição, gênero, escravidão.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Artes.

Tema Transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro e chame a atenção para o subtítulo. O que eles entendem por *folclore*? Que elementos esperam encontrar nesse gênero de contos? Proponha que realizem uma pesquisa a respeito do assunto.
2. Que personagens do folclore brasileiro os alunos já conhecem? Proponha que façam uma lista: o saci, a iara, o lobisomem.
3. Leia com eles o texto da quarta capa, em que Regina Machado comenta que esses contos nos fazem *recordar quem somos e quem podemos ser além da banalidade imposta pela globalização*. Em que consiste o fenômeno da globalização? Por que a pesquisadora se refere a ele como algo potencialmente negativo, impositivo e, no mínimo, problemático? Converse com os alunos sobre o assunto.
4. Leia com os alunos a apresentação de Regina Machado, *Pensando com meus botões*. Eles conhecem a expressão do título? No texto, a pesquisadora comenta como ouvir as narrativas populares tradicionais durante a infância é fundamental para desenvolver um espaço interior imaginativo, em que *pensamos com nossos botões*; um espaço de silêncio alimentado por imagens que nos ajudam a dar sentido à realidade, para

que não lidemos de maneira passiva ao universo muitas vezes por demais massificante do mundo tecnológico capitalista. Enquanto a contemporaneidade nos bombardeia com imagens de todo o tipo, as histórias do passado nos ensinam a criar imagens.

5. Leia, em seguida, a apresentação de Walcyr Carrasco, em que expõe a respeito da origem do conceito de folclore, defende sua importância e cita os quatro pesquisadores que foram fundamentais para a preservação das narrativas orais brasileiras: Sílvio Romero, Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Monteiro Lobato. Divida a turma em quatro grupos e proponha que cada um pesquise um pouco a respeito de um desses autores/pesquisadores.

Durante a leitura

1. Walcyr Carrasco comenta, no texto de abertura, como o folclore é uma manifestação da moral, da forma de ver o mundo, da maneira de encarar a vida e a morte, dos costumes passados de um povo. O que será que esses contos nos dizem sobre o Brasil? Diga aos alunos que tenham essa questão em mente durante a leitura do livro.

2. Em todos os contos, em um ou outro momento intervém uma criatura ou um encantamento de um mundo sobre-humano e, por vezes, os personagens contam com a ajuda de um auxiliar mágico – animal, humano, ser encantado ou mesmo objeto dotado de poderes especiais. Como a presença do maravilhoso se mostra em cada narrativa?

3. Em que momento questões de ordem histórica e social se mesclam aos elementos do mítico e do fantástico? Diga aos alunos que procurem estar atentos.

4. Estimule-os a atentar para as coloridas ilustrações de Rebeca Luciane, procurando perceber a relação que existe entre o texto e as imagens. Que passagens de cada conto a ilustradora opta por retratar?

Depois da leitura

1. Especialmente durante a leitura do conto *Mãe de Ouro* somos levados a pensar nas muitas atrocidades cometidas durante o período da escrivi-

dão no Brasil. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa a respeito do período, procurando saber sobre o tratamento comumente dado aos escravos, suas condições de vida, as punições a que eram submetidos. Sugira que pesquisem também acerca dos momentos em que os escravos procuravam oferecer algum tipo de resistência e suas organizações independentes em quilombos.

2. As belas e sobre-humanas figuras femininas de *Mãe de Ouro* e *Mãe d'água* nos fazem pensar em Oxum e Iemanjá, duas das divindades das águas no panteão do candomblé, religião brasileira de origem africana. Traga algumas lendas envolvendo as deusas para ler com a turma – é possível encontrá-las no belo livro de Reginaldo Prandi, *A mitologia dos orixás*, publicado pela Companhia das Letras. Chame a atenção dos alunos para o modo como, no candomblé, assim como nas religiões pagãs em geral, a partilha cristã entre bem e mal não faz muito sentido – os deuses são ora cruéis, ora generosos; ora voluntariosos, ora compassivos – em suma, imprevisíveis como as forças da natureza. Estimule os alunos a pesquisar mais sobre o candomblé, procurando desconstruir os preconceitos e ideias estereotipadas que rondam essa forma de culto.

3. O conto *O bicho manjéu* parece ser uma confluência de tradições distintas: a presença de bichos como personagens fundamentais parece ligá-lo à tradição indígena e/ou africana; a presença de reis e princesas, por outro lado, e uma estrutura bastante similar à dos contos de fada nos permitem associá-lo à tradição europeia. Chame a atenção da turma para as estruturas de repetição: muitas situações e/ou diálogos se repetem três vezes, com graus crescentes (o terceiro príncipe é mais rico que o segundo, que é mais rico que o primeiro, e assim por diante).

4. Leia com os alunos o poema *A mãe d'água*, de Gonçalves Dias, e ouça a canção *A mãe d'água e a menina*, de Dorival Caymmi, e compare-os com o reconto de Walcyr Carrasco. Chame atenção para o modo como, na narrativa presente no livro, é a Mãe d'água que é raptada por um humano e praticamente obrigada a viver em terra firme, enquanto no poema e na canção a bela e ambígua criatura leva os humanos para as águas. Enquanto no poema de Gonçalves Dias ela aparece como uma criatura sedutora, cruel e impiedosa, na

canção de Caymmi ela revela também sua face benéfica – e nos faz pensar em Iemanjá, a rainha do mar.

5. Assista com os alunos ao filme *Marvada Carne*, dirigido por André Klotzel, de 1985, inventiva comédia com ótimos atores em cujo roteiro intervem diversos personagens presentes nas lendas da cultura popular brasileira, entre eles o saci e o curupira. Muitos dos episódios do filme certamente farão com que os alunos se lembrem dos contos lidos... Distribuição: Embrafilme.

6. No conto *O saci*, o autor se refere ao saci da história como o último representante dos seus – contrapondo o tempo da narrativa a um passado mais remoto em que os sacis eram muitos. Proponha que os alunos pesquisem lendas ligadas aos personagens fantásticos da tradição brasileira não mencionados nesse livro – como o curupira, o boitatá, o boto-cor-de-rosa, a mula sem cabeça, o neguinho do pastoreio, e assim por diante – e escrevam a história do último representante de um desses seres, em tempos em que menos gente acredita neles. Pode ser uma narrativa inspirada em uma lenda já existente ou uma criação intei-

ramente nova – desde que preserve algumas das características fundamentais do ser escolhido. O conto a ser escrito pode tanto se passar num passado mítico quanto em tempos contemporâneos – como eles desejarem.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Contos de Perrault. São Paulo: Moderna.

Estrelas tortas. São Paulo: Moderna.

Contos de Andersen. São Paulo: Moderna.

Em busca de um sonho. São Paulo: Moderna.

► sobre o mesmo gênero

Contos de Andersen, de Hans Christian Andersen – São Paulo: Paz e Terra.

Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos, de Jacob e Wilhelm Grimm – São Paulo: Cosac & Naify.

Histórias ou Contos de Outrora, de Charles Perrault – São Paulo: Landy.

Contos de fadas – Edição comentada e ilustrada, organização de Maria Tatar – Rio de Janeiro: Zahar.